

O NOME AUTÊNTICO

(Origen y Epílogo de la filosofía)

José Ortega y Gasset

Digitalizado em maio de 2010

Ouçamos e leiamos os nomes dessa ocupação a que os homens do Ocidente se dedicam há vinte e seis séculos, os títulos dos livros em que ela se perpetua e as qualificações e os motes que a linguagem dedicou aos homens que nela andavam.

A filosofia como a conhecemos hoje começa com Parmênides e Heráclito. O imediatamente precedente — “fisiologia” jônica, pitagorismo, orfismo, Hecateo — é apenas prelúdio, nada mais, *Vorspiel und Tanz*.¹

Parmênides e alguns contemporâneos deram a exposição desse doutrinal o nome de “*alethéia*”. Este é o nome original da filosofia. Observe que, o instante em que um nome nasce, em que pela primeira vez se *chama* a algo por um vocábulo é um instante de excepcional pureza criadora. A coisa está diante do Homem ainda intacta de qualificação, sem nenhuma vestimenta de nomenclatura; diríamos, na intempérie ontológica. Entre ela e o Homem não existem ainda ideias, interpretações, palavras, tópicos. É preciso encontrar o modo de enunciá-la, de dizê-la, de transpô-la ao “mundo” e ao elemento dos conceitos, *logoi* ou palavras. Qual será escolhida? Notemos já, algo que vai nos ocupar a fundo muito mais adiante. *Trata-se de criar uma palavra*. Pois bem, a língua é precisamente o que o indivíduo não cria é o que se estabeleceu em seu meio social, em sua tribo, em sua pólis, urbe ou nação. Os vocábulos da língua já tem sua significação imposta pelo uso coletivo. Falar é, decididamente, fazer mais uma vez uso desse significado, *dizer o que já se sabe*, o que todo mundo já sabe, o consabido. Agora, no entanto, trata-se de uma coisa que é nova e, por isso mesmo, não tem nome usual. Achar-lhe uma denominação não é “falar” porque não existe uma palavra para ela — é falar “consigo mesmo”. Só nós, temos à vista a “nova coisa” e ao escolher o vocábulo para denominá-la, só nós

¹Prelúdio e Dança (N.T.)

o entendemos. Observamos portanto uma função da linguagem que é o contrário da língua ou do falar comum ou do dizer e saber comum.² É necessário que quem vê algo *pela primeira vez* entenda a mesma coisa que ao dizer seu nome. Para isso buscará na linguagem, aquele dizer vulgar e cotidiano, um vocábulo cujo significado tenha *analogia*, já que — com a “coisa nova” —, mais do que isso não é possível. Porém, analogia é uma transposição de sentido, é um emprego *metafórico*, portanto poético, da palavra. Quando Aristóteles³ se depara com o fato de que tudo “é feito de algo” *como* cadeiras, mesas e portas são feitas de madeira, chamará a esse ente *de que* (ὅ ἐξ οὗ) são feitas todas as coisas, a “madeira” — ὕλη —, se entende a “madeira por excelência, a última e universal madeira” ou “matéria”. Nossa voz *matéria* não é nada além que a madeira metaforizada.

Daí resulta — quem diria — que a descoberta de um termo técnico para um novo conceito rigoroso, que é a criação de uma nova terminologia, não é mais que uma operação poética.

Reciprocamente, se reavivamos em nós o significado do termo técnico, uma vez constituído, e nos esforçamos para entendê-lo a fundo, ressuscitaremos a situação vital em que se encontrou aquele pensador quando, pela primeira vez, *viu*, diante de si, a “coisa nova.”

Esta situação, esta experiência viva do novo pensar grego, que viria ser a filosofia, foi, maravilhosamente chamada, por Parmênides e alguns grupos alertas do seu tempo, com o nome de “*alethéia*”.⁴ De fato, meditando sobre as ideias vulgares e tópicas, recebidas do real, percebe que são falsas e vê por detrás delas a própria realidade, tem a impressão de ter retirado desta uma crosta, um véu ou cobertura que a ocultava, atrás do qual se apresenta em pêlo, desnuda e patente a própria realidade. O que sua mente fez ao pensar é *algo assim como* um desnudar, des-cobrir, retirar um véu ou manto, re-velar, (= desvelar), de-cifrar um enigma ou hieróglifo.⁵ É isto que, literalmente, significava *na língua vulgar* o vocábulo *alethéia* — descobrimento, patentização, desnudamento, revelação.

Quando no século I, ocorreu um nova e radical descoberta, uma nova e grande revelação, diferente da filosofia, a palavra *alethéia* tinha tido seu novo

²Ocupo-me sistematicamente da linguagem em minha obra a ser publicada: o lado social dela é estudado no meu doutrinário sociológico: *El hombre y la gente*. O restante das categorias linguísticas são estudados no meu doutrinário historiográfico: *Aurora da razón histórica*. [Veja-se os capítulos XI e XII de *El hombre y la gente*.]

³A rigor o termo se originou antes dele.

⁴Nas três gerações anteriores — os jônicos — a palavra ἰστορεῖν expressa o que eles faziam, e que logo, com uma visão retrospectiva, se chamou φισιολογία.

⁵Veja-se *Meditaciones del Quijote*, 1914 [Obras completas, t. I.]

sentido metafórico desgastado em sete séculos de filosofia e foi necessário procurar outro termo para dizer “revelação”: ele foi, em correspondência com os novos tempos já asiaticizados, um vocábulo barroco: *apo-kálipsis* — que significa exatamente o mesmo, mas de forma renovada.

Considerada como *alethéia*, a filosofia se nos apresenta tal como é — uma atividade de descobrimento e decifração de enigmas que nos põe em contato com a própria realidade desnuda. *Alethéia* significa *verdade*. Porque deve-se interpretar a *verdade*, não como coisa morta, já inerte, que vinte e seis séculos de hábito, nos leva a entender, mas como um verbo — “verdade” como algo vivo, no momento de fazer-se, de nascer; em suma, como ação. *Alethéia* = verdade é entendida em termos vivazes de hoje: *averiguação*, descoberta da verdade, ou seja da realidade desnuda por detrás da roupagem de coisas falsas que a ocultava. Por uma curiosa contaminação entre o des-coberto = realidade e nossa ação de des-cobri-la ou des-nudá-la, falamos, com frequência, da verdade nua, averiguação ou *alethéia*.

Este nome primitivo da filosofia é seu verdadeiro e autêntico nome⁶, e, por isso mesmo, seu nome poético. O nome poético é aquele com que chamamos as coisas em nossa intimidade, falando com nós mesmos, em secreta *endofasia* ou falar interno. De ordinário, não sabemos criar esses nomes secretos, íntimos, com os quais nós entenderíamos como as coisas diriam o que elas autenticamente significam para nós. Ficamos mudos no solilóquio.

O trabalho do poeta é ser capaz de criar esse idioma íntimo, esse prodigioso *argot*⁷ constituído unicamente de nomes autênticos. Daí resulta que ao lê-lo notamos que grande parte da intimidade do poeta transmitida em suas poesias — em prosa ou verso — é idêntica à nossa. Por isso, a entendemos; porque ele finalmente dá uma língua a nossa intimidade e com ela conseguimos entender a nós mesmos. Daí resulta o estupendo fato de que o prazer que a poesia suscita em nós e a admiração que o poeta nos causa, paradoxalmente provém do fato de parecer que ele nos plagia. Tudo que ele nos diz já havíamos “sentido”, apenas não sabíamos como dizê-lo.⁸ O poeta é o intérprete do

⁶É inacreditável que a linguística atual ignore que as coisas têm, de fato, um “nome autêntico” e acredite que isso é incompatível com o caráter essencialmente mutante e feito quase somente de acidentes que é a linguagem.

⁷Em francês, *gíria*.

⁸O que aconteceria com esse fenômeno normal e fundamental da vida humana em um tempo, em que os homens comuns, os homens-massa, tornem-se progressivamente petulantes? Uma coisa muito graciosa que vejo que acontece com frequência e intensidade crescentes, nas novas gerações, até o ponto de ter-me deixado muitas vezes atônito: que o jovem atual quando nos lê e o fazemos entender algo, *crê imediatamente que a idéia ocorreu a ele*. Como o escritor, se o é de verdade, parece “plagiar” o leitor, este leitor petulante de hoje *crê a sério* que ele é verdadeiro autor e que ele conhecia previamente. O fato é estupefaciente e grotesco, porém

Homem para si mesmo.

“Verdade”, “averiguação” deveria ter sido o nome definitivo da filosofia. No entanto, ela só teve esse nome em seu primeiro instante quando a “coisa própria”, neste caso o filosofar — era uma ocupação nova, ainda desconhecida das pessoas, sem existência pública e que não podia ser vista de fora. Era o nome autêntico, sincero que o filósofo primitivo dá a isso que se surpreendeu fazendo e que para ele mesmo não existia anteriormente. Ele está sozinho com a realidade — “seu filosofar” — frente a ele, em estado de graça, e lhe dá “sem qualquer preocupação social,” inocentemente, seu verdadeiro nome como o faria o terrível poeta que é uma criança.

Mas, no exato momento em que o filosofar passa a ser um acontecimento que se repete, torna-se uma ocupação que começa a ser habitual e o Público começa a vê-la de fora — que é como o público vê tudo — a situação muda. E o filósofo já não está mais sozinho, na intimidade de seu filosofar com a coisa. Agora o filósofo como tal é uma figura pública, como o magistrado, o sacerdote, o médico, o negociante, o soldado, o jogral, o carrasco. O irresponsável e impessoal personagem que é o meio social, o monstro de $n + 1$ cabeças que é o público, começa a retrabalhar essa nova realidade: o “averiguador,” isto é, o filósofo. E como sua atividade — seu filosofar — é uma atividade humana muito mais íntima do que todas essas outras profissões, o choque entre a publicidade de sua figura social e a intimidade de sua condição é maior. Então a palavra “*alethéia*”, “averiguação”, tão ingênuo, tão exata, trêmula de recém-nascida, começa a “transmitir coisas.” As palavras, no final das contas, modos do viver humano tem, também elas, seu “modo de viver.” E como todo viver é “transmitir coisas a alguém,” um vocábulo, apenas nascido, entra desde seu nascimento até seu desaparecimento e morte, na mais arriscada série de aventuras, umas favoráveis, outras adversas.⁹

Inventado para uso íntimo, “*alethéia*” era um nome que não previa os ataques do próximo e portanto um nome indefeso. No mesmo momento em que o público tomou conhecimento da existência de filósofos “averiguadores” começou a atacá-los, a não entendê-los, a confundí-los com outras profissões equívocas, e eles tiveram que abandonar aquele nome, tão maravilhoso quanto ingênuo e aceitar outro, de geração espontânea, mas infinitamente pior, porém ... mais “prático,” isto é, mais estúpido, mais vil, mais cauteloso. Já não

inegável.

⁹Recorde-se do breve exemplo antes mencionado das aventuras sofridas pelo vocábulo “ideia.” Cada palavra reclama, em princípio, uma biografia, em um sentido *análogo* ao que tem este termo referido a um homem. O que tem apenas *analogia* provém de que as palavras pertencem, em última instância, a “vida coletiva” que só é vida em sentido *análogo* a “vida pessoal”, a única que é propriamente vida. [Veja-se *El hombre y la gente*.]

se tratava de dar nome à realidade desnuda “filosofar,” na solidão do pensador com essa realidade. Entre ela e o pensador se interpõe o próximo e o público — personagens pavorosos — e o nome tem que prever duas frentes, olhar para dois lados — a realidade e os outros homens —, dar nome à coisa não apenas para um mas também para os “*Demais*.” Porém, olhar para dois lados é ser estrábico. Vamos agora observar como nasceu este nome ridículo e estrábico de Filosofia.



*Este texto foi tipografado
em L^AT_EX; a fonte utilizada
no miolo é Minion Pro.*